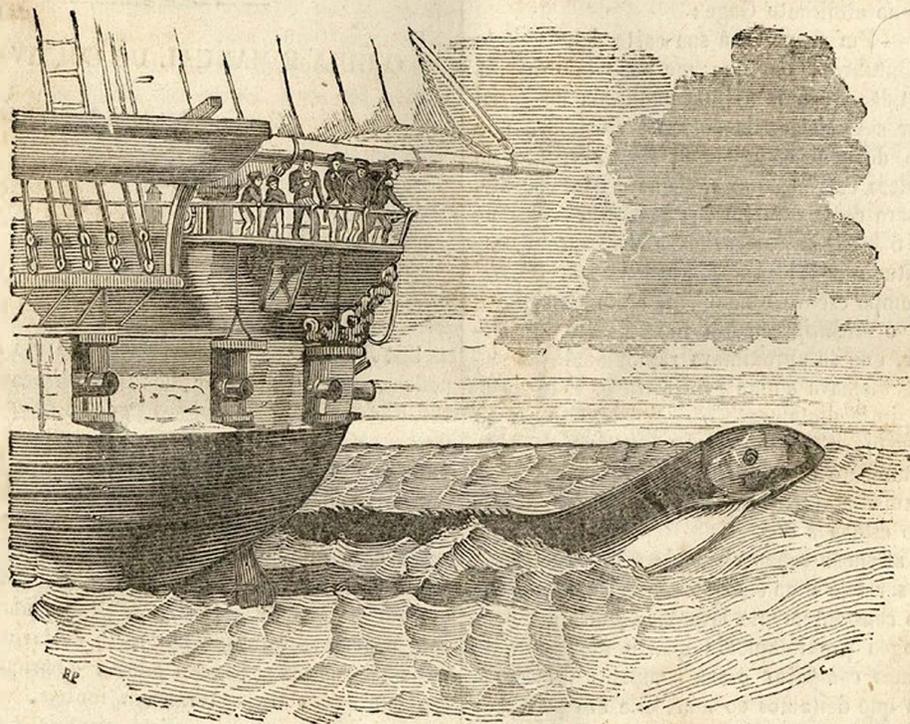


# A EPOCA.

## JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

INDUSTRIA E SCIENCIAS.



### A SERPENTE DO MAR.

E' verdadeira ou fabulosa a existencia da serpente do mar? O senso commum diz-nos que é fabulosa, muitas *observações dos inglezes* asseguram-nos que é verdadeira. A verdade é que ha muita cousa que parece repugnar com o senso commum, e que com tudo existe; porque o *senso commum* é uma cousa vaga e indefinida que nem sempre é infallivel, que ás vezes, muitas vezes tambem se engana.

E os olhos de um inglez não pôdem enganar-se? Pôdem, e sobre tudo a certas horas do dia em que tudo é dubio e oscilante.

Mas não se trata agora aqui de discutir qual tem mais pezo, se as palavras de um inglez que assegura oficialmente que viu uma cousa, se as repugnaências

do nosso senso intimo com essa cousa. Vamos contar os factos que, quanto a nós, merecem ser attendidos pelos homens que se interessam no estudo das sciencias naturaes.

No *Times* de 10 de Outubro appareceu a seguinte noticia que, á verdade, fez rir muita gente boa.

« Quando a fragata *Dadalus*, capitão M'Quhee, que chegou aqui (Plymouth) hontem ás 4 horas, vinha de volta da India oriental, entre o Cabo da Boa-Esperança e Santa Helena, o seu capitão, e grande parte da sua officialidade e equipagem, viram uma serpente do mar ás quatro horas da tarde. O animal esteve vinte minutos á vista da fragata. A cabeça apparecia quasi quatro pés acima d'agoa, e havia pouco mais ou menos sessenta pés do corpo n'uma linha recta sobre a superficie. Está calculado que devia esconder-se

debaixo d'agoa uma porção de trinta ou quarenta pés de comprimento mais, com o qual o animal se impellia com a rapidez de quinze milhas por hora. O diametro da parte descuberta do corpo era quasi de dezenove pollegadas; e quando abria as queixadas magnificamente ornadas de dentes, estas pareciam com sufficiente capacidade para admittir um homem alto de pé entre ellas. O navio navegava para o norte com a velocidade de oito milhas por hora. O *Dædalus* deixou o Cabo da Boa-Esperança em 30 de Julho, e aportou a Santa Helena em 16 d'Agosto.»

A esta noticia extraordinaria, e digamol-o francamente, pouco acreditavel, seguiu-se a publicação da seguinte participação official feita pelo proprio capitão M'Quhæ ao almirante Gage:

«Senhor, — Em resposta á sua carta datada deste dia (11 de Outubro), em que me pede informações sobre a exactidão de uma noticia publicada no jornal *Times*, de ter sido observada do navio *Dædalus*, que está debaixo do meu commando, uma serpente do mar de grandeza extraordinaria, tenho a honra de lhe participar, para conhecimento dos Lords do Almirantado, que ás 5 horas da tarde do dia 6 d'Agosto passado, na latitude de 24° 44' S., e longitude 9° 22' E. por um tempo escuro e nebuloso, e um vento fresco de N. U. o *midshipman* Mr. Sartoris viu um objecto singular, que se aproximava rapidamente do navio que se assemelhava a uma grossa trave. Este acontecimento foi immediatamente participado por elle ao official de quarto, o tenente Edgar Drummond, com quem conjuntamente com o mestre Mr. William Barret eu fui immediatamente para a coberta. A equipagem do navio estava á cêa.

«A nossa attenção sendo chamada sobre o objecto, descobrimos ser elle uma enorme serpente, com a cabeça e o collo constantemente levantado sobre a superficie da agoa proxivamente quatro pés; e tanto quanto podêmos comparar o seu comprimento com o de uma vella que deitamos ao mar, elle era pelo menos de sessenta pés á *flôr-d'agoa*, desta porção nenhuma parte era, ao que nos pareceu, empregada em impellir o animal por meio da agoa, ou por ondulações horizontaes ou verticaes. Elle passou rapidamente, mas tão proximo do navio que se fosse um homem do meu conhecimento eu teria facilmente reconhecido as suas feições a olho nú; elle não se desviou, nem antes nem depois de passar junto do navio, o miuimo gráu da sua carreira para o S. U., que elle seguiu com a rapidez de 12 a 15 milhas por hora, aparentemente com um fim determinado.

O diametro da serpente era de 15 a 16 polegadas pouco mais ou menos atraz da cabeça, que era sem nenhuma duvida a de uma cobra; e não esteve um só instante, durante os 20 minutos que ella esteve ao alcance do nosso oculo, abaixo da superficie da agoa, — a sua côr era bastante carregada, com um branco amarelado por baixo do collo. Não tinha barbatanas,

mas alguma cousa parecida com a clina de um cavallo, ou talvez uma porção de algas ia depositada sobre o seu dorso. O animal foi vista pelo quartel-mestre, a mulher do contra-mestre e o homem do léme, além de mim e dos officiaes acima mencionados.

Eu sou possuidor de um desenho da serpente, copiado de um esboço feito logo depois della ser vista, que eu espero ter prompto para o remetter aos Lords do Almirantado pelo correio de amanhã. — Sou, &c.

*Peter M'Quhæ*, capitão.

E' um extracto do desenho de que se falla nesta carta, copiado da *Illustração*, que nós damos aos nossos leitores.

## O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

(Continuado do n.º 21.)

### CAPITULO V.

#### Operações geraes da cultura.

#### LAVOURAS.

587.º O lavor e fabrico das terras são o maior beneficio, que o cultivador lhes pôde dispensar. Se ellas não tiverem sido preparadas com os necessarios amanhos, as sementes que lhes forem confiadas deixarão de germinar convenientemente por lhes faltarem algumas das condições necessarias ao seu desenvolvimento.

588.º São as lavouras um dos meios mais poderosos para augmentar a acção fertilisante do solo, e devem considerar-se como a primeira e fundamental origem da sua fecundidade. *Tull* e *Duhamel* chegaram a persuadir-se que por meio de lavouras profundas e frequentes se podiam adubar e enriquecer os terrenos a ponto de se tornarem inuteis, ou ao menos dispensaveis os estrumes. Esta proposição é certamente exagerada; mas nem por isso deixão de reconhecer todos os agricultores esclarecidos que os amanhos feitos á terra são pelo menos tão fertilisadores como os adubos, que se lhes ministram; e que quando o terreno é substancial e fundavel podem estes ser até certo ponto suppridos por aquelles.

589.º As lavouras tem por fim revolver, dividir, e atenuar a terra. As suas vantagens são as seguintes — ellas promovem a germinação das sementes, e facilitam o alongamento das raizes, e a desenvolução das suas extremidades espongiosas destinadas á absorpção subterranea dos fluidos nutritivos — destroem e extirpam as más hervas e um grande numero de insectos daninhos — misturam os estrumes superficiaes por toda a espessura da camada aravel, e promovem a sua decomposição — tornam o solo mais poroso e accessivel á acção do ar, do calor e da humidade, que são os

principaes agentes da vegetação — reviram e sublevam o solo trazendo á superficie as camadas mais descantadas e profundas, e enterrando ao mesmo tempo as mais superficiaes, e esgotadas pela sucção contínua das raizes — enriquecem e corrigem muitas vezes o solo misturando-o com a camada mais superior do subsolo — tornam finalmente a terra mais esponjosa e absorvente, e por isso mais permeavel a todos os meteoros atmosphericos como as chuvas, as nevoas, as geadas, os orvalhos, &c.

590.º Se a importância agronomica das lavouras não fôra uma verdade praticamente comprovada e reconhecida desde que existem agricultores, bastaria a simples enunciação das vantagens, que deixamos indicadas, para demonstrar theoreticamente a sua immensa utilidade. Não ha porém agricultor por pouco versado que seja na arte da cultura, que ignore que a capacidade productiva da terra depende em grande parte da sua faculdade absorvente e da sua permeabilidade aos succos nutritivos.

591.º Pôde por tanto concluir-se dos principios estabelecidos, que as condições de uma boa lavoura são: 1.ª que a terra fique perfeitamente dividida e esterroada; 2.ª que fique completamente revirada de modo que as camadas superiores sejam bem enterradas, e as inferiores expostas ao ar; 3.ª que a profundidade da lavra exceda alguma cousa o comprimento das raizes das plantas, que houvermos de submeter á cultura.

592.º As lavras ordinarias das terras podem effectuar-se ou simplesmente pelas forças e braços do homem, ou pela intervenção de maquinas movidas por animaes.

593.º As primeiras podem ser feitas á enchada, ao enchadão, ou á pá de cavar. As lavouras feitas com estes instrumentos são de um uso geral e antiquissimo. Elles tem a vantagem de revirar, e afogar a terra melhor do que o arado ou a charrua; mas não podem ser empregados nas grandes e extensas culturas: estas lavouras são além disto muito dispendiosas, e reclamão um numero de braços quasi sempre superior ao que podemos obter: é por isso que só recorremos a ellas nas proximidades das grandes povoações, e no fabrico das vinhas, das hortas, dos jardins, ou dos pequenos cercados. O enchadão é todavia empregado em algumas das nossas provincias em desbravar e arrotar os terrenos incultos e maninhos.

594.º Os labores effectuados por meio de maquinas movidas por animaes, e que mais particularmente recebem o nome de lavras ou de lavouras, são os que geralmente se usão na grande cultura, por serem os mais expeditos e economicos de todos. As lavouras propriamente ditas são effectuadas na generalidade dos casos pelo arado, pela charrua, e pelo extirpador ou enchada de cavallo.

595.º A maior ou menor profundidade destas lavouras deve subordinar-se á maior ou menor espessu-

ra da camada aravel, ás propriedades chimicas e phisicas do subsolo, e á natureza das plantas, que nos propomos cultivar. Se a camada aravel fôr pouco espessa, e se o subsolo apresentar propriedades que contra-indiquem a sua mistura com o solo é preciso que as lavouras sejam superficiaes, e que o arado respeite sempre a camada inferior que serve de assento á camada lavradia. Mas se esta camada pelo contrario apresentar uma grande espessura, ou se a sua mistura com o subsolo fôr vantajosa é então conveniente que as lavouras sejam profundas, para que as raizes possam desenvolver-se e ramificar-se francamente, e para que os gazes atmosphericos, e outras influencias meteoricas a compenetrem na maior espessura possivel. Neste caso será sempre vantajoso ir lenta e gradualmente rompendo a terra virgem e crua para pouco e pouco a ir misturando com a terra curtida e lavradia; a fim de augmentar progressivamente a sua massa, melhorar as suas condições chimicas, e emendar os seus defeitos phisicos.

596.º Se a camada lavradia fôr, por exemplo, argilosa ou cretacea, e se a inferior fôr areenta ou pedregosa devemos lavar de maneira que se effectue a mistura lenta e gradual de ambas ellas em uma justa proporção. Se pelo contrario a camada superior fôr delgada e magra e a inferior tenaz e barrenta as lavras devem ainda ser feitas com o fim de conseguir o mesmo effecto. Finalmente se o solo fôr argiloso ou areoso e o subsolo fôr composto de bancos calcareos, será conveniente destruil-os e esterroal-os á superficie com o ferro do arado, para que submettidos á acção do ar se vão reduzindo a carbonatos, emendendo e corrigindo a camada lavradia.

597.º As lavouras devem tambem modificar-se segundo a natureza das plantas que desejamos submeter á cultura, neste caso a maior ou menor profundidade das raizes é quem nos deve indicar a natureza mais ou menos profunda da lavra. Assim as gramineas carecerão de amanhos mais superficiaes do que as leguminosas — as batatas e as betarrabas de fabricos mais fundos do que os nabos e as ervilhas, &c. Algumas plantas como as turnepos, as favas e mesmo as batatas prosperam incomparavelmente melhor quando a charrua rompendo o subsolo tiver trazido á superficie do solo, e misturado com elle uma certa porção de terra nova ainda não trabalhada pela acção da atmosphaera.

598.º A primeira lavoura deve sempre ser mais profunda do que as seguintes a fim de que a terra tenha mais tempo de se curtir e repassar dos gazes atmosphericos. Mas as derradeiras já pôdem ser mais superficiaes porque o seu fim é principalmente o de esterroar, e não o de revirar a camada aravel.

599.º As lavouras devem ainda variar não só em attenção á composição geral do solo, mas tambem a sua disposição accidental por occasião da cultura. Assim as terras seccas devem ser mais profundamente rompidas do que as humidas, os terrenos calcareos e

cretaccos do que os siliciosos e soltos, os campos arrelvados ou cheios de más hervas do que os limpos e isemptos dellas, os terrenos bravios e incultos do que os cultivados e mansos.

600.º Um grande concurso de causas pôde fazer variar o numero das lavouras — as circumstancias atmosfericas e meteorologicas que as precedem ou acompanham, o destino, a natureza e a disposição dos terrenos pôdem considerar-se como as principaes.

601.º As circumstancias atmosfericas exercem uma tão pronunciada influencia sobre a capacidade productiva e divisibilidade da terra, que em muitos casos pôdem dispensar uma parte do seu fabrico. Um campo isempto de bervas ruins, depois de submettido á acção poderosa das geadas de um inverno mais frio do que chuvoso, sendo depois lavrado durante o outomno em boa sazão, isto é, quando não estiver nem muito secco nem muito humido, basta que seja finalmente na epoca da sementeira muito superficialmente revolvido. Estas duas unicas lavouras são sufficientes para o dividir e esterroar em quanto um maior numero dellas augmentaria á despeza e o trabalho sem resultado sensivel. Mas se pelo contrario as lavouras que chamamos de preparação forem feitas fóra de sazão, isto é, quando o terreno se achar ou muito secco ou muito humido, então são necessarias muitas mais lavouras de divisão para que a terra fique em estado de receber as sementes. Donde se collige, que o numero das lavouras, não equivale á sua oportunidade.

602.º Tambem influe muito sobre o numero das lavouras o destino a que reservamos as terras; se ellas forem dedicadas á cultura do trigo, carecem de tres a quatro lavouras, e de duas a tres se tiverem de semear-se de centeio, de cevada ou de aveia; vindo a ser uma ou duas preparatorias, e as outras de divisão nas proximidades da sementeira. Segundo *Young*, quatro ferros são quasi sempre necessarios aos terrenos de trigo. *Rosier* aconselha tres lavouras de preparação pelo menos, além das de divisão, que devem ser geralmente duas proximamente anteriores á sementeira. *Sinclair* recommenda quatro lavras preparatorias. Entre nós o mais usual são tres lavras, e em certas localidades apenas duas. Na *borda d'agoa* é muito geral esta ultima pratica, e em alguns terrenos, como são aquelles que ficam submergidos pelo Tejo durante as cheias, nem era possivel adoptar outra, porque o lavrador apenas ali tem tempo para lavar e deslavar.

603.º A natureza dos terrenos tambem não pôde deixar de influir no numero das lavras. Se os terrenos forem argilosos e tenazes precisam-nas tanto mais frequentes quanto maior fór a sua tenacidade. As difficuldades com que o agricultor tem então de lutar são sempre embaraçosas e muitas vezes invenciveis, por quanto aquelles amanhos são tanto mais dispendiosos quanto mais necessarios; e devendo succeder-se com frequencia, raras vezes se encontra a oportunidade e

a sazão de realizal-os. Os terrenos ligeiros e arenosos exigem porém menos lavouras; e essas são faccis e pouco dispendiosas: naturalmente divisiveis e soltos estes terrenos apenas carecem de ser superficialmente revolvidos pelo arado.

604.º Finalmente a disposição dos terrenos deve tambem modificar o numero das lavouras. Se elles forem enladeirados ou se apresentarem grandes inclinações, é preciso lavar com parcimonia, e em regos horisontaes ou perpendiculares ao plano de inclinação, para que a flor da terra não seja arrastada pelas agoas, e para que os sulcos não sejam outros tantos canaes por onde se escoem as substancias soluveis e nutritivas de envolta com a agoa das chuvas; e se elles forem cubertos e alagados pelas enchentes das ribeiras ou dos rios tambem por igual razão se deve ser muito parco no numero das lavouras.

605.º As terras submettidas ao systema dos pousios devem durante o anno, ou annos de repouso ser trabalhadas e rotas por multiplicados labores, não só para as estorrear e saturar das influencias atmosphe-ricas, mas tambem para as repassar do acido carbonico, para estirpar todas as hervas ruins que de outro modo se multiplicariam consideravelmente e infestariam o alqueive. Quatro ou cinco ferros preparatorios dados no decurso do auno pôdem communicar aos terrenos em pousio uma grande fertilidade; e minorar deste modo os inconvenientes e vicios deste systema, que é tanto mais prejudicial quanto menos completo fór o pousio.

606.º Ouçamos a este respeito o celebre *Schwezer* visto que as suas idéas vieram collocar este objecto no seu verdadeiro pouto de luz.

607.º « A natureza, diz elle, nunca está inactiva, antes trabalha sem interrupção, e nos nossos interesses se nós a ajudamos no seu trabalho. Assim durante os intervallos das culturas do pousio ella cobre os campos de uma verdura que se renova cada vez que a charrua a tem destruido, e para produzir aquella verdura ella põe em contribuição não sómente a terra mas tambem o ar, a agoa, a luz, e o calor. O solo recebe por consequencia pelos vegetaes que enterra a charrua não sómente os principios que della provieram, mas ainda os que provêm da atmosphaera — é claro por tanto que elle se enriquece com estas lavouras successivas. Além disto os labores muitas vezes repetidos tem ainda uma outra maneira de enriquecer o solo, e é a de fazel-o gozar extensamente das influencias atmosfericas pondo todas as suas partes em contacto com o ar. A sciencia tem avançado que uma terra será tanto mais fertil, quanto mais energica fór a sua propriedade de attrahir ou de absorver os vapores e exhalções atmosfericas. Ora os labores repetidos no pousio põem a terra em estado de operar esta absorpção. Mas não é sómente pela humidade que elles importam que os vapores enriquecem o solo, porque neste caso os annos mais chuvosos seriam os mais ferteis, é tam-

bem por outros principios que elles depõem no solo; e se este não se achar cuberto de plantas em vegetação, as raizes e os destroços das hervas arrancadas e expostas ao ar pela charrua não deixarão de se apropriar as partes fertilisantes da atmospheria.»

608.º As epochas em que devemos lavrar não podem deixar de variar, segundo o systema de cultura adoptado, as circumstancias do anno e a natureza dos terrenos. Naquellas localidades em que se achar adoptado o systema dos afolhamentos é claro que as lavras devem começar logo ou pouco depois das colleitas para aproveitar o pequeno intervallo que ha entre estas e as novas sementeiras; e por conseguinte o tempo de fazer taes lavras deve ser subordinado á epocha da colheita antecedente e da semente successiva; nos pontos porém em que ainda se seguir a pratica dos pousios as lavras podem ser muito mais espaçadas e numerosas. Neste ultimo caso a primeira lavra pôde fazer-se logo depois da ceifa, se não quizermos aproveitar o restolho no sustento do gado, e no caso contrario no outomno, depois de comido o restolho. Esta ultima epocha é muito preferivel á primeira, não só por esta razão economica, como tambem porque as lavras feitas nos paizes meridionaes durante os grandes calores do estio produzem uma grande evaporação no solo, e por consequencia uma grande perda de principios nutritivos. A segunda lavra é ainda aconselhada durante a mesma estação do outomno nas proximidades do inverno, e muitas vezes pôde substituir a primeira. Estas duas lavras tem a vantagem particular, não só de enterrar um grande numero de plantas, que restituem á terra mais principios do que aquelles que lhe tinham tirado, mas ainda de dispôr o solo para se aproveitar dos beneficios da neve, do gelo, das geadas, das nevoas, e das chuvas do inverno. Rosier aconsella ainda uma terceira lavra depois do inverno para enterrar as hervas espontaneas vivazes ou annuaes que se tem desenvolvido, e que devem communicar ao solo principios muito substanciaes.

609.º Estas tres lavras, que chamamos de *preparação*, e que em muitas localidades se reduzem a duas, e em algumas a uma só, devem dar-se profundas quanto ser possa, e não em cruz como geralmente se usa, mas em regos muito obliquos entre si para que não fiquem grandes espaços angulares por levantar e revolver.

610.º Nos fins do estio depois de passada a maior força dos calores devem começar-se as lavras de divisão nos paizes frios, e nos temperados um pouco mais tarde. Estas lavras convem que sejam obliquamente encruzadas como as primeiras, e não devem ser tão profundas. Geralmente dão-se duas, uma antes, e outra depois da sementeira; mas alguns agronomos recommendão tres antes desta operação, duas com o arado, e uma com a grade. A utilidade de gradagem não consiste sómente em desterroar perfeitamente, mas em não revolver muito profundamente; a terra dimi-

nuindo deste modo o excesso da evaporação. Esta ultima operação assim como a lavra para enterrar a semente pôde em alguns casos ser vantajosamente feita com o *extirpador*, instrumento precioso pela perfeição e expedição do seu trabalho.

611.º As circumstancias do anno não pôdem deixar de influir na epocha das lavras; por quanto devendo estas ser feitas na sazão propria é mister esperar que ella se apresente, pois é reconhecido por todos os agronomos que mais val não lavrar do que fazer-o sem que o terreno esteja convenientemente sazonado. Os embaraços que daqui resultam para o agricultor são na verdade graves: a demora ou a antecipação das chuvas, a sua intensidade ou prolongação; a permanencia sobre o solo de espessas camadas de gelo ou de neve são outros tantos obstaculos ao regular andamento dos seus incessantes trabalhos.

612.º A natureza dos terrenos tambem deve decidir o cultivador a retardar ou antecipar a epocha das lavras. Os terrenos arenosos, e facilmente permeavéis á agoa pôdem-se amanhlar indifferentemente em qualquer tempo, e então pôde a sua cultura ser antecipada ou retardada sem grave inconveniente. Nos terrenos argilosos e mesmo na maior parte dos calcareos acontece porém o contrario, e deve aproveitar-se sem demora a oportunidade de os amanhlar, na certeza de que raras vezes se nos apresenta, e muito depressa desaparece esta oportunidade.

613.º E na verdade estes terrenos quando a humidade nelles superabunda não pôdem lavar-se, porque formam uma especie de pasta mais ou menos compacta, difficil de romper e impossivel de desterroar; e pelo contrario quando se acham seccos não se deixam absolutamente penetrar, ou se acaso se chega a rompê-los formam leivas e torrões tão consistentes, que não pôdem facilmente esbroar-se: de modo que tanto n'um como n'outro caso os animaes fatigam-se inutilmente, e os amanhos são summamente imperfeitos. É necessario por tanto escolher para o fabrico de taes terrenos o momento em que humedecidos apenas pelas chuvas não se acham saturados dellas.

614.º Um dos embaraços que mais frequentes vezes se apresenta aos nossos lavradores no amanho regular das suas terras é o curto espaço de tempo que elles pôdem destinar a este fim, e principalmente tendo de aproveitar os restolhos ou as pastagens durante as duas estações do outomno e do inverno. Neste caso como lhes não restam senão algumas semanas da primavera, torna-se necessario ou fazer os labores com grande precipitação, ou deixar as terras de pousio durante o resto do anno, a'queivando-as então na epocha ordinaria.

*José Maria Grande.*

(Continua.)

### MINAS DE COMBUSTIVEL.

Não ha nada que tenha mais funesta influencia sobre a industria de um paiz do que os monopolios: é delles que tem nascido grande parte desses males que hoje trazem em continuo padecimento as sociedades; são elles que paralizam os progressos industriaes; que matam a força nascente do productor pobre; que sacrificam os interesses justos do operario a um lucro excessivo e illicito: é em fim esse terrivel flagello quem alimenta nas nações modernas um poder sem nobreza nem dignidade, que a lei não reconhece mas a que a lei desgraçadamente se curva, poder bastardo que devora a substancia do estado, que subjuga a consciencia dos homens poderosos, que abafa as inspirações nobres das almas generosas; são os monopolios quem sustentam a usura.

O monopolio não se apresenta sempre debaixo da mesma fórma; como tudo que é perigoso elle sabe disfarçar-se de mil modos diversos, tomar a mascara hypocrita do bem publico, ou as vestes rasgadas da *necessidade*. Muitas vezes mesmo o monopolio toma um nome supposto para não ser notado: ora se esconde de traz dos direitos protectores e conserva o nome de industria livre; ora se chama apenas concentração de empresas industriaes, e se localisa n'um ponto do paiz.

A felicidade de um povo não depende só da somma de valores que nelle se produz; e modo de distribuição desses valores deve ser tambem attendido, e considerado como condição essencial sem a qual elles não podem estender sobre o maior numero a sua acção benéfica.

As forças productivas de uma nação podem ser grandes, e com tudo acharem-se applicadas de modo que os seus productos não dêem utilidade, senão a um pequeno numero de individuos. E' claro que se as forças productivas se applicarem pela maior parte a crear objectos de luxo, esses objectos só poderão servir para aquelles em cujas mãos se achar concentrada a fortuna publica; pelo contrario, se essas forças se empregarem na criação de productos applicaveis á satisfação de necessidades geraes, e que interessem o progresso phisico e moral das massas, então o gozo será mais geral, e por isso mesmo tornar-se-ha mais feliz a situação do povo.

Vê-se pois, que não basta só que cresça a somma dos valores trocaveis, mas que é necessário tambem que esses valores sejam distribuidos com a maior equaldade e generalidade possivel, para que se possa dizer a organização industrial e o equilibrio das fortunas perfeito n'um paiz.

E' verdade que para se formarem empresas industriaes, para se estabelecerem as machinas e a divisão

do trabalho, em fim para se poderem aproveitar as novas forças que tanto tem augmentado a produção por toda a parte, e feito baixar os preços dos objectos produzidos, é indispensavel que haja capitaes accumulados; mas daqui não resulta que seja util a desigualdade excessiva das fortunas. A associação de muitos interesses pequenos, a reunião de muitas fortunas mediocres dá em resultado a formação dos grandes capitaes, assegurando desde logo uma mais geral distribuição aos lucros das empresas industriaes.

O monopolio oppõe-se á equaldade da distribuição; porque é de sua natureza exclusivo, sacrifica os interesses geraes aos seus particulares, é tyrannico porque não tem quem lhe dispute o poder; não receia a *concorrença* niveladora. Do monopolio resulta a maior desigualdade possivel na distribuição das riquezas produzidas.

Os possuidores de um monopolio estão, por esse facto, collocados nas circumstancias em que estaria uma nação em cujo territorio unicamente se desse um certo producto de consumo geral; podem obrigar o consumidor a pagar não só o valor natural dos productos do seu monopolio, não só o juro legal que corresponde aos capitaes empregados, mas um valor superior estimado arbitrariamente.

As condições porém da nação em cujo territorio só se desse um certo producto de consumo geral, são immediatamente variaveis em favor dos consumidores; em quanto que as condições dos monopolistas são *temporariamente* constantes, porque são apoiadas na lei.

Suppondo, por exemplo, que em Inglaterra, e só em Inglaterra se encontravam minas de carvão de pedra, e que as necessidades industriaes do continente eram taes quaes hoje são: é claro que esse paiz que, neste caso possuia combustivel em maior quantidade, obtido sem grande despendio de trabalho, e consequentemente barato, estava em condições tão favoraveis á sua industria que em breve os outros paizes não poderiam luctar com elle. Se porém se estabelecesse a troca, se o carvão sahisse dos portos de Inglaterra para vir trocar-se no continente por outros productos, então o uso deste excellento combustivel não ficaria sendo privativo do paiz em que elle era explorado; mas este paiz poderia ainda assim aproveitar do monopolio que, na nossa hypothese, a natureza lhe tinha concedido. Os habitantes do continente poderiam ser obrigados, não a pagar o preço proporcional ao trabalho que exige a exploração das minas de carvão, mas a pagar um valor arbitrado pelos possuidores unicos deste instrumento industrial.

Os inconvenientes que resultariam para o continente, se a Inglaterra tivesse a posse exclusiva de todas as minas de combustivel, são os mesmos exactamente que resultam para um paiz da existencia de qualquer monopolio n'um ramo importante da sua industria.

Os monopolios, permitta-se-nos a expressão, que a natureza dá a um povo, os monopolios internacionaes

são facilmente destruidos por uma força omnipotente no commercio, e a que elles não podem resistir. A *concorrência* vem fazer entrar nos seus limites naturaes os preços do producto que faz objecto do monopolio; a boa remuneração daquelle genero de trabalho faz com que augmente o numero dos homens que a elle se applicam, e este augmento produz a baixa immediata dos preços. E' a *concorrência* que faz com que nós paguemos pelo seu valor natural todos os productos particulares aos climas dos trópicos, e que o nosso solo não pôde produzir.

Aos monopolios particulares de uma nação, aos monopolios intranacionaes não se pôde oppôr essa força niveladôra da concorrência. Estes monopolios apoiam-se na lei, são conservados pela fê publica: sustentam-se á custa dos sacrificios do povo, das privações do consumidor, e com tudo não teem por inimigos senão o contrabando e a fraude.

Estes monopolios são os mais terriveis, os mais destruidores e fataes; e tambem são, desgraçadamente, os mais numerosos, e os que mais difficilmente se destroem pela acção natural das leis economicas; porque se apoiam na influencia e nos interesses dos homens poderosos, e ás vezes dos proprios governos.

Por isso que nelle interessam os poderosos, o monopolio tem encontrado defensores que o teem querido justificar, e explicar a sua necessidade: quanto a nós elle é sempre um grande mal, que os governos illustrados devem buscar destruir por todos os meios administrativos que estiverem ao seu alcance.

O monopolio exclue todo o aperfeiçoamento. Os que possuem o privilegio de produzir n'um paiz um dado objecto, que não temem a concorrência, procuram duas cousas; produzir o mais barato possivel, e vender pelos preços mais elevados.

Para produzir barato basta que as despesas de estabelecimento sejam diminutas, e que a mão d'obra se pague pelo seu minimo valor. Uma vez organizado um estabelecimento industrial, a que a lei garanta o exclusivo, esse estabelecimento não comprará machinas, não adoptará os novos inventos, porque não precisa dellas, e lhe não convem despender capitães; se porém os adoptar porque dellas resulte grande abatimento nas despesas da producção, a economia assim obtida será toda em favor do productor e não do consumidor.

Para vender caro, os monopolistas aproveitam as suas circumstancias especiaes e ordinariamente abusam dellas; tendo por unicos rivaes o contrabando e a fraude, cujos riscos e despesas são excessivas, elles podem elevar o preço dos productos até ao ponto, em que a remuneração do trabalho pôde excitar a cubiça dos contrabandistas, e pararem ali. Um outro meio de elevar o preço, é diminuir a offerta; o que está sempre na mão do monopolista fazer, sem susto de ser contrariado na sua especulação.

Em fim, — embora a palavra pareça dura e gros-

seira, já outros a disseram antes de nós, — o monopolio é um roubo; roubo legalizado, roubo decente, roubo respeitavel mesmo se quizerem, mas roubo. Ou elle se chame elaramente exclusivo, ou se chame concentração de emprezas, ou se esconda por detraz dos direitos protectores, como acontece, por exemplo, ao das nossas fabricas de papel, o monopolio é sempre uma expoliação feita aos consummidores.

De feito, os lucros do monopolista são de duas naturezas; os justos, que se compõem do juro do capital empregado na industria, do preço da mão d'obra, &c., e os injustos, que são os exigidos ao consumidor, nos productos vendidos por um preço superior ao seu valor natural; estes ultimos são os lucros que se podem chamar roubo; embora o roubo neste caso seja feito com a lei na mão.

Entre todos os monopolios porém, aquelles que causam mais profundos estragos n'um paiz, são os que affectam os objectos de primeira necessidade; e sobre tudo os objectos cujo uso é indispensavel a algum dos ramos da industria. O monopolio da extracção dos combustiveis mineraes está neste ultimo caso, a sua existencia é prejudicialissima a toda a industria fabril.

Desde 1825 que nós soffremos um monopolio que peza sobre um dos objectos que mais interessam as emprezas fabris. Um contracto absurdo e contrario a todos os principios de boa administração foi feito naquella epoca pelo governo com uma sociedade; neste contracto dava o governo á sociedade o privilegio exclusivo de explorar por vinte annos não só as minas de combustivel até então descobertas, mas todas as que nesse espaço de tempo se descobrissem no paiz. Este privilegio foi ainda prolongado *por um decreto*, em 1835, além dos seus limites primitivos!

Tudo quanto dissemos dos monopolios é confirmado pelos factos, neste exemplo que acabamos de citar. O numero das minas de combustivel em exploração, em vez de augmentar tem diminuido: a quantidade de combustivel que ellas lançam hoje no mercado é menor do que o que lançaram antes da existencia do contracto: o modo porque são dirigidos os trabalhos de exploração, é o peor que pôde ser: os braços empregados nos trabalhos de minas são poucos: a quantidade de riqueza mineral estragada é grande; em fim o proprio thesouro tem perdido, porque nelle entrava todos os annos uma somma consideravel, producto da exploração das minas de *S. Pedro da Cova* e de *Buarcos*, e hoje não entre nada; porque a sociedade privilegiada não tem pago ultimamente a somma de 10.000.000 réis que se obrigou a fazer entrar no thesouro todos os annos.

Felizmente este fatal monopolio vac finalisar com o anno de 1848. E' tempo agora de remediar os males que elle tem causado; é tempo de indemnisar os consummidores dos sacrificios a que elles teem sido obrigados, durante um tão grande numero de annos, por um contracto baseado em falsas considerações econo-

micas, e feito por um governo que lhe não soube calcular as consequencias.

O modo de conseguir este resultado é simples. Liberdade ampla nos concursos, liberdade ampla nas concessões, e o consummidor terá o combustivel mineral pelo seu preço natural.

O deposito de *S. Pedro da Cova* é o unico deposito de uma riqueza reconhecida, que hoje existe no paiz: é pois claro que, para que haja a concorrência, para que os productos appareçam em abundancia no mercado, é necessario não entregar este deposito inteiro a uma só empresa, é indispensavel dividil-o em diversas concessões, naturalmente demarcadas, onde o deposito seja simultaneamente atacado, e cujos exploradores rivalisem, já na quantidade de productos extrahidos, já na perfeição dos trabalhos, já em fim no preço: de outro modo o monopolio persistiria como até aqui. É destas luctas que resulta a utilidade dos consummidores; são ellas que fazem descer o preço dos objectos, que vêem ao mercado, ao seu limite inferior e natural.

Os nossos leitores acharão todas estas nossas considerações fortemente apoiadas, e claramente demonstradas no artigo que abaixo publicamos; e que devemos á penna de um homem de grande saber, e vastos conhecimentos; principalmente no que se refere aos assumptos de que nelle se trata.

*João d'Andrade Corvo.*

#### MINA DE ANTHRACITE DE S. PEDRO DA COVA.

Este combustivel é cinzento negro, brilhante, mui duro, e de textura lamellosa; o seu pó não inquina os dedos. Dá pela analyse immediata de Coke

93,75 =	{	carvão . . . . .	85,30
		cinzas . . . . .	8,45
		Materias volateis . .	6,25

100,00

O Coko não é bolhoso, conserva o aspecto da anthracite bruta, sendo com tudo um pouco mais friavel; não decrepita ao fogo, e poderia provavelmente servir para alimentação de altos fornos; arde com chamma palida, sem brilho, as cinzas contem mais de 50 por 100 de materia iusolúvel no acido chlorhydrico, são de cor castanha, o que parece denotar que a anthracite contem pyrite de ferro.

A mina donde se extrah este combustivel foi lavrada por conta do governo desde 1804 — 1825, e produziu neste tempo um lucro liquido de 102:297:398 réis. No anno de 1825 foram estas minas de carvão, e as mais descobertas, e por descobrir, arrendadas a uma companhia por vinte annos pelo preço de 10 contos de réis pagos aannualmente, arrendamento que foi depois prorogado até aos fins de Dezembro de 1848 por decreto de 8 de Agosto 1835.

No preambulo do alvará com força de lei, que concedeu á companhia o privilegio para a lavra das minas de carvão de pedra descobertas e por descobrir acham-se exaradas, a razão que se pretextou para fazer esta concessão, e as vantagens que se esperava por este modo alcançar.

A razão allegada é o abatimento em que havia cahido a lavra das minas de carvão de pedra, provado primeiro pelo abandono da Mina de Buarcos, em consequencia dos prejuizos que causava, e segundo pela pequena producção das minas de *S. Pedro da Cova*, unicas que em todo o reino se cultivavam, as quaes nunca deram de rendimento liquido annual mais de sete contos cento e setenta mil quinhentos e desanove réis, sujeitos ainda a contingencias e descaminhos.

Os prejuizos da lavra da mina de carvão de Buarcos resultam de circumstancias particulares a este deposito, e talvez da direcção que se deu aos trabalhos, e isto influa na sorte da lavra ou se fizesse por conta do estado, ou por conta de uma companhia: a differença está só em que o estado considera como lucro não só aquillo que immediatamente lhe resulta da venda do producto, mas o que indirectamente lhe provem do maior ou menor numero de braços que sustenta, e as companhias não contando senão o lucro directo ou immediato suspendem os trabalhos logo que vêem que não são lucrativos, ou em logar de os executar regularmente, limitam-se a extrahir o que podem obter com pouca despeza, e deixam perder porções importantes do deposito, cu comprometem até o futuro da lavra. É tão verdade é o que acabamos de dizer, que a mina de Buarcos não tem melhorado antes talvez peiorado em quanto á regularidade dos trabalhos, e se a companhia não tem perdido tanto como o governo é porque se limita a trabalhar onde não carece de fazer grandes despezas, e segundo se diz por empreitada, pagando o carvão extrahido por um preço convencionado, sem curar da ruina que causa este modo de lavra, porque tendo a mina por um prazo certo, é-lhe indifferente que ella possa ou não lavar-se depois.

O rendimento liquido de sete contos cento e setenta e sete mil quinhentos e dezenove réis, não é tão diminuto como se quer inculcar, mas quando assim se considerasse, o meio mais obvio de o augmentar, era tornar a lavra mais activa, e quando não se quizesse fazer por conta do estado, para o que ha muito boas razões, poderia dar-se por concessão a diversas companhias mas sem o privilegio exclusivo para lavar todos os depositos existentes, e que para o futuro se descobrissem. Quiz-se por este modo tornar certa e maior a renda do estado, e nem isso mesmo se conseguiu porque se se comparar a somma do rendimento liquido dos annos decorridos, suppondo que elle se conservava estacionario, com o que o governo tem recebido, vêr-se-ha pelos annos que a companhia tem deixado de pagar, que esta somma é muito menor que aquella.

Vejam agora se as outras vantagens que se esperavam da adopção de tal medida se realisaram.

Suppoz-se que este ramo de industria tomaria um grande incremento pelo emprego dos capitães e esforços de uma companhia de emprehedores, que procuraria obter na maior copia de producto o rendimento de seus fundos, e a recompensa das suas diligencias, e todavia não aconteceu assim; tem-se conservado limitado á lavra das minas que já existiam em actividade antes da concessão, isto é, as de S. Pedro da Cova, e de Buarcos, e a extracção annual média destas duas minas talvez nem chegue á de seis mil trezentos e dezoito carros de carvão que anteriormente fazia, e que no alvará se indicou como pequena.

Acreditou-se que augmentando esta industria deixaria de comprar-se aos estrangeiros a maior parte do carvão de pedra, que se consome nestes reinos, e não aconteceu assim, porque achando-se a lavra das minas de carvão limitada como o estava nessa epoca, ao deposito d'Anthracite de S. Pedro da Cova, e ao de lithomthracite solidica e mui pyntosa de Buarcos, continua a comprar-se o carvão de pedra inglez, porque não pôde por aquelles ser substituido na maior parte dos empregos industriaes, e ainda mesmo que podesse sel-o, a quantidade que se extrahc destas minas é mui pequena em comparação do que se consome; e como o emprego do carvão de pedra se tem estendido a diversos estabelecimentos industriaes novamente creados, vem a ser o desfalque do dinheiro com que se compra aos estrangeiros excessivamente maior do que então era.

Disse-se que augmentando esta industria se alargaria a esfêra dos trabalhos uteis, e por conseguinte, que um maior numero de pessoas acharia em que se occupar, e aconteceu o contrario, porque cessando de receber-se o producto da mina de S. Pedro da Cova com que desde 1812 até 1825 a Intendencia Geral das minas costeava as despezas dos estabelecimentos,

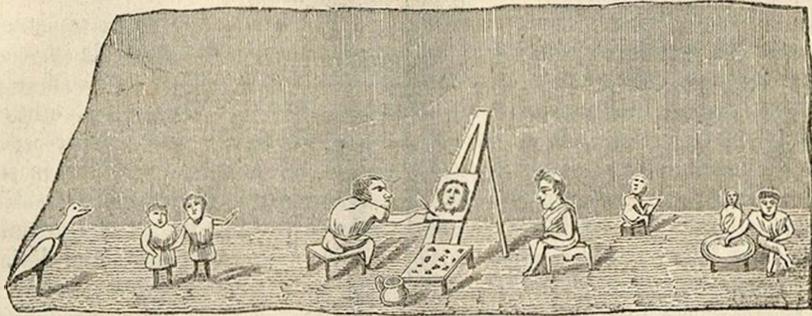
que não davam ainda lucro, como eram a mina de carvão de Buarcos, a de ferro da Foz d'Alge, a de galena de Ventrillo, a de antimonio de Vallongo, e as lavagens d'ouro da Adiça, e d'estanho de Rebordozza, cessaram todos estes trabalhos, e por conseguinte deixaram de ter emprego um grande numero de braços que nelles serviam.

Do que temos dito deduz-se que a concessão do privilegio da lavra das minas de carvão de pedra não remediou o mal que existia na administração por conta do estado, antes o aggravou, e não produziu as vantagens que se esperavam. Eparecendo á primeira vista que este privilegio seria um incentivo para animar a companhia a emprehender trabalhos de pesquisa, nenhuma descoberta util tem produzido no longo periodo de 23 annos; mas assim devia realmente acontecer porque a companhia que tem a certeza de ser só a lavar o carvão de pedra, quer antes empregar todos os seus fundos (se os tem) em lavar um deposito, cuja riqueza conhece já, do que arriscar uma parte delles em trabalhos de pesquisa, com pouca ou nenhuma probabilidade de resultado vantajoso, tanto mais tendo a certeza de que nenhuma descoberta lhe pôde causar diminuição no preço do seu producto, e de que a havel-a, della se apossaria quando lhe viesse.

Nestas circumstancias nenhum emprehedor irá por certo fazer pesquisa de terrenos com a intenção de descobrir depositos de carvão de pedra, sabendo que uma companhia privilegiada ha-de empolgar-lhe a sua descoberta, e esbulhar-o do seu direito como descobridor.

Parece por tanto que este privilegio deve cessar por ser não só inutil, mas opposto aos interesses do estado, e aos progressos desta especie de industria, e em prejuizo de direitos que devem respeitar-se e proteger-se.

## LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



### PINTURAS ANTIGAS.

A descoberta das ruínas de Pompeia, dessa cidade sepultada no meio da sua vida activa, quando tudo palpitava e se movia nella, foi mais util para a historia dos costumes e para a archeologia, do que o poderia ser a descoberta de uma vasta bibliotheca. Alli nós surprehendemos os segredos da existencia intima dos romanos; pelo estudo da historia sabemos os grandes acontecimentos do *forum*, e dos campos de batalha; pelo estudo das ruínas antigas conhecemos o modo porque os homens daquolles tempos se agitavam no estreito circulo da familia: conhecimento que não é menos importante de certo que o primeiro aos olhos do homem pensador.

Durante os progressos da escavação em Pompeia foi descoberta na Casa Carolina uma pintura, que se despegou da parede e se despedaçou apenas acabava de ser copiada. A pintura, de um character grotesco, representa um pintor tirando o retrato de um personagem importante, que está sentado diante d'elle. O artista conserva-se a uma grande distancia do seu quadro, que está collocado n'um cavallette similhante aos actualmente usados, tendo ao lado a *palletta*, que é do fei- tio de uma meza com quatro pés, e junto da meza um potesinho para lavar os pinceis. Está trabalhando com uma agoada, mas parece que não é este o seu unico genero de pintura; porque á direita vemos o seu moedor das tintas que mistura côres com oleo. Dous amadores entram na casa, e parecem fallar ácerca da pintura; o rumor causado pela sua entrada fez voltar a cabeça a um rapaz que, sentado a distancia, es-

tuda o desenho. E' inexplicavel a presença de um passaro na sala de pintura.

A pintura não está completa; falta um outro passaro, e do outro lado uma creança brincando com um cão, que já tinha desaparecido antes da pintura ser copiada. Esta pintura é extremamente curiosa porque prova que em 28 annos pouca mudança tem havido no modo mechanico da pintura.

## ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTÓRICO.

CAPITULO XXI.

O coração do rei.

(Continuado do n.º 23.)

Os sinos de Santa Cruz no arrabalde, e os da Sé, obra do bispo Miguel e de Afonso Henriques, repicando alegremente annunciam a Coimbra a cerimonia da coroação. O céu e a terra, banhados de luz, tinham um ar de festa que se casava harmoniosamente com a pompa e o jubilo da corte portugueza. A rainha da Beira é famosa pela belleza dos seus campos neste dia a mais namorada primavera se reclinava sorrindo no regaço de viçosas flores. A' beira do Mondego, ainda inchado mas sereno, a aragem doudejava descabellando os ramos dos salgueiros, e ondeando a velha das esguias barcas que desciam ou subiam o rio d'onde os galliotes mandavam ao vulgacho das margens os chascos usuacs, ou no perpassa-

dos leves botes disparavam a salva de gracejos broncos com que ainda hoje no patrio Tejo vemos saudarem-se os pittorescos tritões d'agoa doce.

A cidade uns poucos de dias cuberta de lucto arrancando-se aos braços da tristeza, viva e alvoraçada respirava na atmosphera do prazer, e aspirava com deleite os perfumes dos seus jardins. Vistosa e apertada pelo seu ciuto de torre e ameias, Coimbra acordando mirava-se com todo o orgulho de formosa no espelho que o Mondego arqueava além da ponte, e parecia desafiar as gallas naturaes, e as que o artificio e os thesouros iam ostentar nos festejos reaes.

Trepando para o monte aonde se erguia a alcaçova, os olhos eram des'umbrados no bairro contado dos ricos-homens pelo matiz esplendido das soberbas vestes guerreiras e palatinas, pelo reflexo metalico das armas, e pela selva de pendões quarteados que se desdobravam lentamente. Os cavallos com jaezes de grande preço, mastigando os freios dourados e escarvando o chão nitriam impacientes. O jogar de grevas e canelleiras; o tenir da espada e espora; a voz breve e onora dos cavalleiros, e o murmurio que sussurravam os peões e homens-d'armas faziam esse ruido longo e abafado que é como vaga sonora, e ou precede as grandes batalhas, ou se espraia nos actos publicos, indicio e prova ao mesmo tempo da energica e robusta vida popular.

As ruas estreitas enredadas por entre as casas que a opulencia da cõrte fazia crescer, umas conservando ainda as feições arabes, outras arremedando já e grosseiramente o estillo, hoje chamado gotico, estavam apinhadas de povo. Aqui eram os burguezes, passando rapidos com o saio escuro e a capa negra. Além desfilavam os besteiros do concelho com o guarda-cós verde, e o arsenal, ou aljava affivelada no hombro. Pelo meio das espessas mós populares com os fogosos corseis rasgavam tortuosas fitas os pagens que parliam a trote, gentis com as suas cottas bordadas d'ouro e as suas toucas coroadas de bellas plumas brancas ou pretas. Uma cavalgada arrancava a toda a brida e as lanças apumadas dos homens-d'armas resplandeciam aos raios do sol. Um cortejo mais pacifico seguia as nedias mulhas ornadas de ricas guaidrapas carmezius franjadas d'ouro que a passo lento levavam os reverendos prelados da igreja, cujos habitos fastuosos destacavam das samarras sem mangas dos clerigos, e mesmo das murças e tunicas mais modestas dos conegos. No meio deste prestito tão diverso, mais raras, appareciam já com tudo as garnachas talares dos « mestres das degretas » menos importantes ainda neste seculo do que o foram nos dois posteriores.

Donzellas com as tranças soltas e entretecidas de boninas; mulheres viivas ou casadas com os cabellos apanhados em coifas de rede — umas esbeltas, estouvadas, brincando no ardor innocente dos verdes annos — as outras serias, compostas, e quasi beatas, para representarem o seu papel de matronas, riam,

acotovelavam, e saltavam como borboletas ou abellas por entre os maciços de curiosos que as recebiam com bençãos ou pragas, segundo pedia a formosura ou o desastrado ar das viajantes.

Mais adiante uma pinha de galliotes e conteiros entretinha-se a dizer chufas aos escravos forros, a beliscar e pizar os judeus apenados para as follias, e em rosar maldições atrozes contra os mouros meios trajados á africana. Tudo isto compunha um vulto imenso, indelincavel que se torcia em collos como serpe variegada desde as ribas do Mondego até ao outeiro eminente do alcacer.

Chegára finalmente o dia aprazado por Affonso II para cingir a corõa que fõra diadema de ferro sobre o elmo do primeiro rei portuguez. Essa corõa que a espada Leoneza e o alfange dos crentes do Islam tantas vezes feriram sem a poder quebrar na frente do velho guerreiro e do seu esforçado filho, o neto não a havia de expõr aos combates da fronteira, havia de invocal-a só nas inglorias contendas civis em que o seu reinado se consumiu. O aspecto do herdeiro de Sancho I era melancolico. O cavado das rugas frontaes, e o véu sombrio que descia com o sobrolho carregado sobre a vista, indicavam que os cuidados de rei, e os espinhos do trono tinham já passado mais de uma noite pelo seu coração assentando-lhe no leito as vigalias das reflexões amargas. O ciume do poder real, a principal feição do seu governo, traduzia-se no modo um pouco sobranceiro com que recebia os poderosos ricos-homens e os prelados da igreja.

As antigas ceremonias da coroação dos reis godos eram sollemnes e augustas. Espectaculo proprio para infundir respeito, saudavam o principe com as acclamações dos que elle devia reger, e ungiam-no com o oleo sagrado de David em nome do senhor dos imperios. O principio electivo cabido em desuso quanto á essencia ainda se guardava nas formas, como costume de tempos remotos. Os indomaveis guerreiros do Norte já não alevantavam no broquel outro soldado como elles, proclamando-o seu chefe no arraial semeado de cadaveres, e á luz da manhã. Esse uso das tendas de guerra vivia apenas na tradição para cercar o principio hereditario da religião das antigas glorias. Nas Hespanhas o rei nunca morria; e ao curvar-se para a sepultura o monarcha reinante, a corõa escorregando-lhe da cabeça não ficava orphã e viuva á espera do heroe ou do ambicioso que a havia de colher dos agrados da fortuna.

No terreiro que se alargava diante da levadiça da alcaçova os juizes e sobre-juizes atravessavam a ponte e subiam á pressa as escadas. A' toada guerreira das trompas e anafis respondia o mais brando soar dos laudes, acitbaras, e violas dos menestreis. Pelos terraços das torres e pelo adarve das ameias os capellos d'agoa luzente, as cervilheiras de malha, e os arnezes dourados fulgiam no meio das plumas de côres e dos tabardos bordados, e por entre os epitogios e garua-

chas esplendidas das damas, e sumptuosos vestidos dos officiaes palatinos que se avistavam da couraça e do terreiro contiguo, aonde zumbia o enxame popular esperando ancioso a sahida do cortejo.

Quem ū'ahí estendesse os olhos para o outeiro que se curvava gracioso com a cathedral assentada no dorso, e abaixo das torres quadrangulares e das seteiras abertas na grossa muralla descobrisse um oceano de cabeças vél-o-hia, a espaços, agitar-se, crescer como vaga, refugir, e remoinhar depois em volta do baile judengo, ou da dança mourisca que ao som de adufes e doçainas se iam collocar no posto que lhes fôra designado. A raça de Israel com as feições duras e proeminentes características do povo proscripto, e a raça arabe de côr baça, olhos brilhantes, e gesto aspero, contrastavam ambas com a belleza regular de algumas das houris da communa moura e com a formosura admiravel das filhas de Sião que choravam na terra do desterro tecendo a sua grinalda virginal com as rozas do Mondego tão lindas como as invejadas do Saron.

Em fim o mais profundo silencio succedeu de repente ao borburinho popular. A cerimonia começava. Escoando-se para as estreitas viellas a multidão retirava-se para ficar desembaraçado o caminho do prestito. Trepados nos ciradlos das casas, ou a cavallo nos parapeitos que rematavam a beira dos telhados esguios — uns marinhando pelos columnellos para se encarrapitarem nas alpendradas — outros, e esses eram os ditosos, formando pinhas de cabeças e caras nas frestas e portaes, os homens do povo, os burguezes, toda a gente da leal Coimbra apurava a vista e affiava o ouvido para lhe não escapar uma só palavra, nem passar uma só figura sem exame. Como os reis não morrem todos os dias os populares gozavam daquelle spectaculo com todo o prazer que dá a novidade. Bastantes anecdotas e commentarios se enthesouraram naquella abençoada manhã para divertimento das noites invernosas, e desafogo das comadres e senhoras visinhas, senadoras conscriptas do seu bairro.

A procissão do aucto ia já sahindo do adro da Sé. D. Pedro bispo de Coimbra, o do Porto D. Martinho, e Pedro arcebispo eleito de Braga com os conegos do cabido e os abbades das ordens Benedictinas e Cisterciense encaminharam-se vagarosamente para o alcacer. Acompanhavam-nos muitos ricos-homens seguidos de donzeis que montavam os seus cavallos de batalha. Quando chegaram á barbacan, a levadiça alçada tomhou de golpe, e as lanças dos seules inclinaram-se diante delles com respeito. As mitras dos bispos cravejadas de joias assentavam em frentes não menos altivas que as dos guerreiros. As rogantes vestiduras dos prelados trajando em solemne pontifical, o seu olhar firme, e o baculo que nas suas mãos era mais ousado que a lança davam-lhes aspecto magestoso, e attrahiam-lhes temor e reverencia. Quando entravam no terreiro exterior assomou el-rei á varanda, dirigiu-se para o largo patim da escada, e descendo os

degraus veiu curvar-se diante do Eleito de Braga, ouvindo a breve oração que este pronunciou. Depois levando á direita o bispo de Coimbra, e o do Porto á esquerda, sobre os palios dos quaes pendiam preciosos relicarios, tomou com passo firme o caminho da cathedral. Os ministros erguiam altas as duas cruces de prata, em quanto os turybularios incensavam com aromas de grande preço o Livro dos Evangelhos posto sobre uma almofada de brocado de ouro. Os clerigos e monges estendiam-se em duas extensas alas até onde os senhores e cavalleiros, seguidos do povo, cercavam o cortejo. Um dos dois coros cantava — « *Ecce mitto Angelum meum* »; o outro respondia: — « *Israel si me audieris!* »

Ao chegar ao adro o arcebispo abençoou o principe — com a bella oração — « *Domine salvum fac regem!* » Defronte do côro D. Affonso despindo as armas deu as mãos aos dois bispos, e no meio delles subiu os degraus do altar por cima de ricos tapetes, e cuberto por docel de tapeçarias orientaes. Ahí prostrado com a face no chão e os braços em cruz juntamente com os prelados ouviu a invocação dos doze Apostollos, dos Martyres e Confessores para o céu permittir que os dias do seu reinado fossem largos e ditosos.

Erguendo-se então o arcebispo eleito, virou-se entre o clero, ricos-homens, e populares para o novo rei, e perguntou-lhe:

« Guardareis a religião de nossos avós, e a firmeza de nossos fóros? »

« Assim o juro. »

« Defendereis a igreja de inimigos, e com justiça prometteis reger este reino como o regeram vossos paes! »

« Assim o juro em quanto Deus me proteger. »

O prelado voltou-se depois para a multidão, que trasbordando do templo se derramara pelo adro e terreiro, e em voz elevada e solemne disse:

« Quereis para vosso rei D. Affonso herdeiro de D. Sancho e neto de Affonso Henriques? »

Do meio dos senhores e do povo rebentou unanime o grito:

« Sim! Que reine sobre nós e nossos fillos! »

Resoaram as trombetas e atabales em hymno festivo, o clero entoou um cantico d'esperança, e as acclamações repetindo-se estrondosas e veementes foram morrer ao longe nas torres da alcaçova.

Seguiu-se ajoelharem todos em quanto o Eleito de Braga, tomando a redoma do oleo no meio das orações rezadas pelos dois bispos, ungiu as mãos, o peito, e a cabeça do novo monarcha, dizendo ao mesmo tempo:

« Sê abençoado como em Israel os reis e os juizes. »

Ao cingir-lhe a adaga acrescentou — « aqui tens a espada da justiça. » Ao vestir-lhe a armadura ajuntou: « recebe as armas da fortaleza. » Offerecendo-lhe o sceptro e o baculo o metropolitano exclamou — « é a vara da virtude », e inclinando-se a posar-lhe o dia-

dema na cabeça, concluiu — « aqui te entrego a coroa dos teus reinos. O Senhor te exalte na sabedoria e assentando-te no throno dos povos te conceda para gloria da fé a victoria das armas! »

Com a corôa na frente, e o sceptro na mão D. Affonso entre os prelados desceu do altar para o solio regio no meio do côro — « *Desiderium animæ ejus tribuisti ei, Domine!* » Ah! o Arcebispo clamou « é o throno dos reis teus antecessores. Deus te firme nelle e te faça depois participar da gloria nas alturas. » E dando-lhe na face o osculo da paz, rompeu o hymno — « *te Deum laudamus* » ao som das mais estrepitosas aclamações.

A missa solemne começou depois. Ao levantar da hostia sentiu-se algum rumor no adro da Sé. Um velho de alta estatura entrou pelo templo encostado ao braço de um donzel. A esclavina de lã grosseira e o bordão nodoso e tosco mostravam que era peregrino que se propunha emprender a larga romaria da Terra Santa. Fitaram-se nelle todos os olhos, e os seus rôxos e embaciados ficaram immoveis. Encostou-se a uma columna e com os braços cahidos e o rosto inclinado para o peito esperou que a função acabasse. Já o rei se levantava, já adiante d'elle a multidão principiava a escoar-se pelos fundos portaes e a espraiair-se pelo terreiro, quando erguendo a cabeça em sobresalto o romeiro gritou ao donzel:

— « O rei, aonde está o rei? » E rompendo por entre o tropel do povo veio ajoelhar-se nos degraus do throno que Affonso II já descia.

— « Está aqui o moço rei? » dizia elle.

— « Quem é este homem? » perguntava o monarcha, e repetiam á roda d'elle os prelados e os cavalleiros. Em todo o ajuntamento se notava uma especie de tumulto causado pela estranheza do acontecimento.

## CAPITULO XXII.

### *Sangue por justiça!*

No meio do ruido que a repentina exclamação do romeiro provocara, o bispo de Coimbra veio a achar-se ao lado do cego. Como dissemos no capitulo anterior, D. Affonso o Lidador, buscava o rei, e estava perto dos degraus do throno. O prelado olhando para elle commoveu-se de contemplar a dôr e a amargura que tinha estampadas no semblante. O que observava, tudo o que o ar e os modos do romeiro deixavam adivinhar diziam muito mais do que á primeira vista indicava a humildade do traje.

Desde a sua mocidade D. Pedro ainda no estudo das *pueris* conhecera um pagem, aspero de genio, mas leal de coração; crescendo a intimidade do trato com os annos uniu-os o laço da mais estreita amizade. O clerigo chegou a pôr a mitra na cabeça, e o pagem a cingir a espada de cavalleiro. Na corte de Sancho I ambos tinham tido uma só vontade e uma só alma.

Seis annos havia que se despediram um do outro. O rico-homem partiu para o seu solar em Riba-Douro; o prelado ficou para travar com o rei as luctas da igreja com o poder monarchico. Depois nunca mais se viram nem souberam um do outro.

Apezar dos signaes de velhice precoce a figura daquelle romeiro conservava ainda alguns toques do homem audaz e destemido, que o bispo tanto amara. E ora duvidava, ora affirmando-se chegava a acreditar no que lhe dizia o coração. Não se pôde conter mais, e tocando-lhe no hombro, quasi em segredo mormurou-lhe ao ouvido uma palavra só delles sabida de baixo do céu.

O que então passou pelo peito do pobre romeiro devia de ser atroz. As lagrimas como punhos saltaram dos olhos sem brilho. Escapou-lhe o bordão das mãos, e um tremor nervoso estremeceu os membros todos. Feriam a unica fibra ainda sensivel daquelle morto coração.

— « És tu, Affonso?! » — exclamou o bispo soffocado. — « Oh meu irmão em que estado! »

— « Foram cinco annos em que Deus accumulou em cada dia um século de dôr, Pedro. Dôr como não se chorou no mundo outra. Cinco annos de infamia, de saudade, e de miseria, em que a sorte do escravo comparada á minha seria uma existencia de delictes . . . . Não o podes crer tu; ninguém! E' preciso sadecel-o para o acreditar. A' força de penar e de soffrir cheguei a isto que vês, e ao que está cá dentro, e só eu sinto . . . »

— « Mataram-te Affonso! » bradou o prelado enlaçando-o nos braços com profunda magoa.

— « Antes elles me matassem! » respondeu o Lidador com desalentada tristeza.

— « Mas como foi isto? porque modo? »

— « Bispo D. Pedro » — exclamou o romeiro levantando a voz com imperio — « não te chegues a mim. Não te contamines com o contacto de um vil. Estás abraçando um villão, um servo da maladia de Lanhoso. Servo a quem os Senhores queimaram os olhos para semelhante á ave os divertir com os suspiros do captivo e da solidão. »

A estas palavras o rei, os cavalleiros, os monges, conegos, e prelados que ouviam com assombro este dialogo singular sem o entender recuaram espantados. A dignidade que respiravam as fallas e os gestos do peregrino, o seu ar, as suas expressões, e a propria amizade que existia entre elle e o bispo, eram de um cavalleiro de nobre linhagem. Como se podia elle acusar de ser escravo? Este mysterio, atravez do qual se antevia um crime, despertou ainda mais a curiosidade e o enleio. Todos se acotevellavam e se conchegavam para não perder nem o menor som da estranha conversação.

— « Escravo, servo tu, um rico-homem?! . . . » — bradou o bispo no auge da admiração.

— « Eu mesmo, bispo D. Pedro. Fizeram-me as-

sim, e vivi até hoje, assim! . . . Esta escuridão é peor que estar deitado vivo na mortalha e sentir roer os vermes do tumulto nas taboas do ultimo leito do homem . . . peor mil vezes. E' não ter corpo senão para padecer, e alma senão para a lacerarem os remorsos, as paixões, e a saudade, vendo pelos olhos do espirito a deshonra e o desprezo, e ouvindo a desesperação gritar noite e dia» — é para sempre, é sem remedio! . . . «oh, Pedro, irmão, quem me havia, quem nos havia de dizer a nós que era para isto que nos separavamos?!»

— «Animo, Affonso. A's vezes Deus castiga os que mais ama. E' ter fé e consolar com a esperança de que os dias máus não hão-de durar sempre. . . .»

Oromeiro a estes confortos espirituaes respondeu só com esse riso nervoso, agudo, e soluçado que faz estremecer a alma, porque parte de um coração onde só mora o desespero eterno.

— «Esperança, eu! . . . Bispo D. Pedro, os meus dias de bonança contou-os Deus; agora tenho só noites; nunca mais tornarei a vêr o sol. . . . olha bem para mim — a vista apagou-se aqui para sempre.»

— «Não pôde ser. Tu cego?! . . .»

— «Cego! Não to disse? Bispo D. Pedro os infelizes costumam augmentar as suas dôres para que lhas lastimem. . . . as minhas são taes que nem contal-as sei. . . . Cego, escravo, e fraco como a creança timida que tudo assusta! . . . é o que resta do que foi cavalleiro. O que não daria eu para tornar a vêr o céu, as estrellas, e as arvores que toldam o rio, perto da casa em que nasci, e aonde — acrescentou suspirando — aonde não posso ir morrer!»

— «Cegaram-te as guerras da fronteira? . . .»

— «Cegou-me o peccado, padre. . . . foi Deus pela mão de um traidor. Bispo D. Pedro não te disse já que era servo da maladia de Lanhoso? . . . cuidas que neste estado se moteja com a desgraça? Vê bem. Ha aqui duas palavras gravadas com o ferrete em braza. Lê-as. Os annos não as apagarão. Não vejo, mas sinto. Queimam cá dentro!»

O bispo de Coimbra uniu o seu rosto ao do amigo, e no sulco porpureo, cravado na fronte, lêu distinctamente — «escravo de Lanhoso!»

— «Oh, já sei, Affonso! — exclamou elle recuando com horror. — «Entendo tudo agora. . . . Mas has-de ser vingado meu irmão; pela hostia sacro-santa has-de sel-o! . . . Se te negassem justiça, se em Portugal houvesse cavalleiros tão covardes que soffressem isto sem tirar a espada, em Santa Cruz guarda-se ainda a cervilheira e o capello do prior D. Theotónio, e a Sé de Coimbra não faltam homens d'armas. . . . E' um crime que brada ao céu! Temos rei, temos cavalleiros para castigar uma villania. . . .»

E apertava com ancia nos braços o malaventurado amigo, correndo em redor de si os olhos, aonde luzilava a mais terrivel cholera. Um sussurro cada vez mais forte sahia d'entre o maciço tropel dos senhores

que o cercavam e ao appellar para a vindicta da espada o bispo ouviu com satisfação tenir o ferro de muitas, meio desembainhado n'um repellão de ira. O proprio Affonso Segundo que até alli observava silencioso esta scena, apertou com força o punho da adaga, e carregando o sobrolho, (gesto seu mui frequente quando a raiva o dominava) parecia que lançava dos olhos faiscas de fogo. Estendendo o braço, o principe virou-se vagarosamente para o prelado, e disse:

— «Bispo D. Pedro o rei de Portugal foi hoje aqui unguido para fazer justiça. . . . Esseromeiro que diga quem é; e peão ou cavalleiro, se lhe fizeram affronta, o castigo será igual. Deixai a cervilheira do prior D. Theotónio, e os homens d'armas da Sé para quando vos convocarmos para a frontaria dos serracenos. . . .»

— «Tarde será» rosnou um dos velhos lidadores de seu pae.

— «Para punir um crime — proseguiu o rei sem ouvir esta ejaculação — basto eu, e só eu. Ninguem mais tem esse direito.»

O bispo que no tempo de Sancho I aprendera a conhecer que o braço do rei quando fere é garra de leão, conteve-se, e respondeu com uma venia secca e silenciosa a esta especie de cartel. O murmurio desaprovador que se levantou entre os outros ecclesiasticos, e entre muitos barões, advertiu porém o novo monarcha de que escolhera má occasião para o seu manifesto.

— «Senhor rei» — disse D. Pedro decorridos alguns instantes em que fallou em segredo com oromeiro — «sabeis quem é este velho cego e quebrado de corpo?»

— «Dizei-o vós.»

Todos se inclinaram para ouvir a resposta.

— «Silencio!» — bradou o peregrino.

— «E'. . . . foi o mancebo que na mina de Silves aparou um golpe d'acha que ia matar vosso pae. Esteromeiro é D. Affonso Viegas, chamado o Lidador.»

— «D. Affonso!?» — gritaram o rei e todos com espanto. «D. Affonso, este velho!» — exclamava o principe com assombro.

— «Fizeram delle um cadaver» — proseguiu o prelado cuja voz tremula e vibrante sahia do intimo. — «O fogoso cavalleiro que ao gallope do seu corcel estremecia a fronteira arabe chegou a não se poder arrastar nos pés. . . . a suspirar pela morte! . . . Vingança, justiça Senhor rei! Peço-a eu, pede-a elle, nós todos a queremos contra o traidor alcivoso que cegou e fez escravo um rico-homem portuguez!»

— «Todos! Já!» exclamaram os cavalleiros e clrigos a um tempo. O rei acenou com a mão que se aquietassem, e esperou que D. Pedro nomeasse o culpado.

— «Foi Martim Paes de Lanhoso — o covarde — o villão que tal fez!» concluiu o bispo.

Apenas proferio este nome rebentou uma terrivel explosão de vozes e gritos. Ao odio que excitara co-

mo valido juntava-se agora o horror de uma acção que excedia em ferocidade as barbaras tradições dos asperos fidalgos, filhos do seculo XII. Nunca aos que alli estavam occorreu que um christão ou um cavalleiro portuguez ousasse imprimir o desprezo e a viltade, assim publicamente na face da guerreira nobreza do reino. O rei ouvindo accusar um homem que tanto detestava, fez-se muito palido, e trincou os beiços a ponto de lhe saltar o sangue. Era signal de medonha tempestade.

— « Fallae D. Affonso — disse elle — fallae desasombrado. O rei de Portugal ha-de ser rei. Por alma de meu pae! A sua divida será paga com usura. »

Dizendo isto o rosto de Affonso II tomou uma expressão quasi feroz, e animou-se de um sorriso sombrio que involuntariamente comprimiu o peito de quantos o notaram.

— « Não quero justiça para mim, Senhor rei. Não a vim pedir. Sou um escravo e nada mais. »

— « A que vindes pois? » atalhou o principe com impaciencia.

— « A pedir justiça para outro . . . a mim bastame, depois della feita, este habito e uma cova na terra sagrada do Jordão . . . se lá chegar. »

— « Fallae D. Affonso. Qualquer que seja a vossa supplica, se estiver no poder do homem ou do rei, será cumprida. »

— « E' palavra de rei, Senhor; e os reis não mentem. D. Affonso; ha pouco do alto daquelle throno, diante de Deus vivo, jurastes guardar justiça. Neto d'Affonso Henriques, vingança contra um assassino traidor; vingança para o sangue que é meu sangue! »

— « Contra quem? . . . »

— « D. Affonso de Portugal — bradou o romeiro — onde está o alferes do rei? Porque faltou á festa da coroação? »

O rei assustado deu tres passos, e travando do braço a D. Affonso, gritou com ancia:

— « Devia estar! . . . O que lhe succedeu? »

— « Os deveres de Gomes Lourenço estão acabados, senhor rei. Tomai outro alferes. Aquelle não torna a levar a signa real. »

— « Morreo?! » exclamou o principe com um gemido abafado.

— « Mataram-no, senhor rei » redarguiu o romeiro com um tom frio e cortante, que doia nas entranhas. — « Vêde! »

Neste momento mesmo entravam alguns homens d'armas cubertos de pó, trazendo nas andas o atauda que, posado no adro da Sé, motivara o burborinho do povo.

A um aceno do romeiro o donzel que o sôra buscar, ergueu os pannos de dô e abriu o caixão. Apareceu então o cadaver destroncado do mancebo:

— « Aqui vos trago, senhor rei, o que resta de Gomes Lourenço! — » bradou o cego em alta voz.

Naquelle instante um monge de Cister depunha nas

mãos do monarcha o pergaminho firmado pelo seu alferes pouco antes de expirar.

O silencio medonho que se seguiu a este lastimoso espectáculo fez tremer os mais ousados. Todos tinham os olhos pregados no rei, e ninguem se atrevia a respirar sequer diante da terrivel procella que lampejava no seu rosto demudado. Assim illuminadas pela raiua e pela magoa, as feições do principe recordavam as de Sancho I quando as paixões rugiam e fulminavam em redor de si quanto se antepunha á sua colera.

Affonso II tentou conter-se, mas não pôde. O golpe repentino foi mais forte do que a energia da sua vontade. Deixando-se descahir nos degraus do throno, com os punhos apertados na frente e o pergaminho em cima dos joelhos soluçava alto ao ler as ultimas e sollemnes palavras do amigo da sua infancia. Em volta delle era um silencio mortal.

Acabada a leitura tornou a repetil-a. Não podia tirar a vista do pergaminho fatal.

Era sincera, era incisiva e funda aquella dôr como o odio e a ira na alma do filho de Sancho I.

Debruçado para elle o cego escutava com ancia o som entrecortado dos soluços e dos suspiros, embebendo no coração aquella magoa e aquelles prantos.

— « Sois rei! » — disse elle depois — é ao rei que peço justiça. Era o filho de meu irmão. » D. Affonso não respondia.

— « Rei de Portugal mataram o amigo do infante D. Affonso. »

Então erguendo-se com impeto, convulso, livido, o principe correu a vista scintilante por todos os que o cercavam, como se ali procurasse uma victima.

— « Justiça, sim! » — exclamou com furor. « Padre, rico-homem, irmão meu que fosse não lhe perdoava . . . Não sabeis quem foi o traidor, o covarde, o verdugo? » — bradou aos que o rodeavam petreficados. A serpente de Lanhoso mordeu na mão que a poupava. Martim Paes, juro por alma de minha mãe não repousar em quanto nas tuas veias houver sangue, e no teu solar uma torre, uma ameia. D. Affonso como aconteceu isto? Vistes, ouvistes contar? »

Sem esperar mais o Lidador, narrando brevemente os tratos que lhe tinham dado a elle, entrou na historia dos fataes amores de seu sobrinho com D. Maria Paes. A traição della, a torpeza de D. Nuno, e a vingança de seu irmão pintadas com viveza arrancaram um grito de horror e de espanto aos que ouviam. O rei com o punho cerrado chamejando-lhe a ira nos olhos, ora escutava em silencio, ora interrompia o fio da narração voltando-se para os nobres e preladados:

— « Era mais que irmão, bispo D. Pedro » dizia elle — « Perdi o amigo com que me creci, reverendo arcebispo! Hei-de vingal-o, D. Sueiro Raimundo. »

Quando terminou a historia do romeiro o monarcha respirando alto como quem sentia o peito oppres-

so, em voz stridente exclamou voltando-se para o Notario da Curia.

— «Juliano, ouvi. Que ninguem dê amparo ou socorro a este Martim Paes. Sejam malditas a casa acade naseeu e a terra que empeçonhar com o seu sangue. Morra como traidor. Que o persigam á espada nos valles, e á sétta nos montes. Agoa, sal, e fogo quem lhos der, fique revel. Lavrai já uma carta para os alvasis e pretores dos nossos concelhos. E' o inimigo do rei, Juliano.»

— «Será cumprido o que manda el-rei» — respondeu o notario ou chanceller Juliano, inclinando-se.

— «Agora o meu cavallo e o meu capello d'ago. De hoje a seis dias serão os festejos da alcaçova. Cavalheiros de Além-Douro, ricos-homens, cavalleiros de concelho, ha entre vós quem se negue a acompanhar o rei que vai á caça do lobo cervical?!»

— «Não! Nenhum! Iremos todos.»

— «Sejam viute. Os mais bem montados. D. Afonso Viegas, por onde foge o traidor?»

— «Leva o caminho do Porto. Tenta metter-se em Galliza.»

— «Nem o altar de Santiago o salvará.... Vamos, senhores. A gallope!»

E sahindo impetuosamente cavalgou diante do adro, e com muitos nobres e alguns cavalleiros do concelho de Coimbra, chamados nesta epoca «cavalleiros vilões» despediu a bom correr.

— «Vede-me o rei novo que arde feito. A terra faz milagres!» mormurou o arcebispo com um sorriso amarello ao ouvido do bispo do Porto, Martinho Rodrigues.

— «Este ha-de fugir aos mouros; mas entre as ovelhas de Christo ha-de ser leão. Fiai-vos no que vos digo. Agora amima a igreja para ficar desassombrado com os irmãos. Depois delles despojados chegará a nossa vez.

— «E quando chegar.... veremos.»

— «Pelo menos ha-de encontrar Martinho Rodrigues sempre o mesmo homem. D. Sancho era mais para temer do que este rei-mulher.... que não tem espada.»

L. A. Rebello da Silva  
(Continua.)

## NOTICIAS.

### LECEG DE BRAGA.

Matricula de 1848 a 1849 — Grammatica portugueza e latina; estudantes 22 — Latinidade 7 — Francez 34 — Inglez 8 — Geometria 16 — Philosophia 222 — Orateria 36 — Historia e Geographia 10 — Totalidade 355.

## FUNDOS PUBLICOS.

Em 6 de Dezembro.

PRAÇA DE LISBOA.

No dia 4 de Dezembro o preço dos fundos foi o seguinte:

	Compra	Venda
Inscrições de 5 por cento.....	46	47
Ditas de 4 por cento.....	38	40
Apolices de 5 por cento antigas...	46	47
Ditas de 4 por cento ditas.....	38	40
Titulos sobre a caixa de amortisação.	46	48
Titulos de divida publica antigos..	2	4
Papel-moeda.....	10	13 m. forte
Titulos antigos (azues).....	3	5
Ditos das tres operações.....	23	25
Na 6. <sup>a</sup> parte	84	83
Accções do Banco de Portugal.....	480,000	490,000
Ditas do do Porto.....	224,000	227,000
Ditas das Lezírias.....	350,000	360,000
Ditas — Seguro Firmeza.....	350,000	360,000
Ditas — Fidelidade.....	270,000	290,000
Ditas — Segurança do Porto.....	80,000	90,000
Ditas — Omnibus.....	70,000	75,000
Ditas — Pescarias.....	26,000	28,000
Ditas — Vapores do Tejo.....	24,000	25,000
Ditas — Ditos do Porto.....		
Ditas — União Commercial.....	58,000	60,000
Ditas — Fiação e Tecidos.....	100,000	110,000
Ditas — Valla d'Azambuja.....	50,000	60,000
Obras Publicas.....	2 a 4 por cento	

PREÇO DOS CEREAES NO PORTO.

Em 29 de Novembro.

Trigo.....	700 a 800
Dito das Ilhas.....	480 a 500
Milho.....	330 a 340
Centeio.....	330 a 340
Cevada.....	240 a 260

PREÇO DOS GENEROS EM COIMBRA.

Em 28 de Novembro.

Trigo.....	340 a 320
Milho.....	260 a 240
Cevada.....	140
Centeio.....	240
Feijão vermelho.....	360
Dito branco.....	280
Dito rajado.....	240
Dito frade.....	220
Favas.....	140
Batatas.....	140
Azeite.....	1160